

Ciência na sala de aula

Rousas J. Rushdoony

O ensino da Ciência se tornou mais importante que o normal devido ao fato de que a ciência no mundo moderno, para muitos, substituiu Deus como fonte de autoridade. Em todas as áreas ouvem-se apelos à autoridade da ciência; na política, onde temos o socialismo científico; na religião, com suas formas de modernismo; na educação, com a teoria progressiva; e assim sucessivamente. Se não ensinamos a ciência de maneira apropriada, simplesmente aumentaremos sua suposta autoridade e obscureceremos seu uso.

Para o cristão, a tarefa da *instrução* se torna mais simples devido ao fato de que a palavra bíblica e hebraica para instrução, Torá, significa tanto *lei* como *instrução*. Para nós, todas as coisas em todas as esferas se acham sob uma lei última e fundamental, a lei de Deus, e a educação é instrução nessa ordem legal. A ciência moderna é produto de uma cosmovisão bíblica, com sua crença em Deus e no mundo sob a lei de Deus. Sem essa subestrutura, a ciência se desintegrará muito rapidamente.

Assim, para o professor de ciência, o caráter último do ser de Deus deve ser algo básico. Para o humanista, o que é básico é o caráter último deste mundo. Cientificamente falando, as conseqüências de nossa fé são muito grandes para caberem na doutrina da casualidade. Na fé bíblica, temos uma notável diferença entre o Ser incriado de Deus e o ser do universo criado. Está diferença torna possível a distinção entre a causa última e primária, Deus, e todas as causas secundárias na Criação. Onde a distinção entre o Criador e a criatura é enfraquecida ou negada, as causas secundárias desaparecem, e surge o panteísmo, uma causa única. Alguns religiosos, que pensavam estar honrando a Deus negando as causas secundárias, geralmente acabavam por destruir a fé e negar a doutrina da Criação.

A ciência humanista, ao impor como artigo de fé o caráter último do universo, tem como resultado uma forte tendência para o determinismo e para a negação das causas secundárias como algo mais do que uma mera ilusão. O homem é produto do universo e está totalmente condicionado por ele. O resultado é a morte da

responsabilidade. O único caminho que tem o humanismo para sair deste impasse é não afirmar de forma alguma um universo, mas somente uma série de fatos “brutos” e uma anarquia radical, ou o indeterminismo total. Somente a fé bíblica preserva a integridade da causa última, e a realidade das causas secundárias. A responsabilidade do homem é real, porque a Criação é real, se encontra separada do ser de Deus porém não de Seu governo, e não é uma ilusão, nem tampouco um aspecto do ser último.

Não deve nos surpreender, portanto, que a Ciência moderna não somente tenha nascido do cristianismo, mas especialmente do contexto puritano da Inglaterra do século XVII. Esta orientação cristã persistiu quase até o século XX. Contrariamente ao que diz a história popular, a Ciência não encontra suas origens no pensamento de homens como Giordano Bruno. O humanismo de Bruno o fez pender, em verdade, para o ocultismo.¹ Em um universo sem Deus, ou a sorte cega rende o homem sem significado, ou um universo caótico dá ao homem a oportunidade de ser um senhor do ocultismo. O poder, não o domínio, se converte na meta do homem.

A idéia dos primeiros líderes puritanos no campo das Ciências foi proeminentemente uma perspectiva pós-milenista. A Ciência era um meio para exercer domínio. É significativo que inclusive os cientistas não ortodoxos compartilham um interesse pela escatologia de Isaac Newton, por exemplo, e embora ele tivesse idéias unitárias ou socinianas com respeito a Jesus Cristo, ainda assim investiu tempo e estudo escrevendo sobre *Apocalipse*. Os cientistas estavam interessados porque a ciência era vista como um meio para cumprir o mandamento de Deus de exercer domínio e subjugar a terra.

O cristão e o não-cristão concebem o universo de modo diferente, e por isso o definem de maneira diferente. O humanista, como considera que este mundo é tudo, está confiando em sua definição. A *vida*, por exemplo, se define química e fisiologicamente dentro de bases totalmente naturalistas. Se a realidade de nosso mundo é completamente natural, então sua definição fica relativamente fácil. Tendo tempo suficiente, todas as coisas podem ser definidas após a necessária investigação, dissecação, experimentação ou estudo. De uma

¹ Ver Frances A. Yates: *Giordano Bruno and the Hermetic Tradition*, New York: Random House, Vintage Books, (1964) 1969.

perspectiva cristã, isto não é verdade. Levítico 17:11 deixa claro que a vida está “no sangue”, porém está ainda mais claro que a vida não *provém* do sangue mas de Deus (Gn. 2:7). Para entender a vida devemos olhar para *além* da vida, para Deus. A definição é mais que naturalista: está para além de nós e de nosso mundo, e desta maneira é, em essência, impossível. Portanto, para nós a ciência não é definitiva mas *descritiva* e *teológica*. A ciência se torna mais produtiva na medida em que abandona sua meta de oferecer definições de uma perspectiva naturalista — o que conduz à ciência teórica — e se limita à descrição em termos de premissas teológicas.

O fundamento teológico também significa uma visão realista das metas científicas. Porque Deus é Deus, isto significa simplesmente que “para Deus todas as coisas são possíveis” (Mt. 19:26). Se o universo físico é o padrão último, então se deduz logicamente que, para a natureza todas as coisas são possíveis. Como os cientistas humanistas agem sobre essa premissa do caráter último da natureza e seu potencial infinito, eles estão sempre prontos para experimentar ou semear hipóteses em áreas onde a experiência científica não é possível. De modo que a ciência nos diz que a geração espontânea não é possível, e não obstante esse é um postulado necessário ao pensamento evolucionista. Como se atribui uma potencialidade infinita não a Deus mas, sim, à natureza, esta impossibilidade somente existe no presente; no infinito, o potencial infinito da natureza vence todas as limitações.

A pesquisa atual no campo da genética também age em termos de uma potencialidade infinita. Os transplantes de órgãos são exemplos claros disto. O esforço realizado em junho de 1977 para transplantar o coração de um babuíno para um ser humano fracassou; e isto foi feito mesmo sabendo-se claramente que os transplantes enfrentavam um fator de rejeição: são como um agente estranho e infeccioso para o corpo do anfitrião. Porém, a esperança é que o homem possa vencer essa barreira, e a esperança descansa na fé de que a potencialidade infinita pertence à natureza ao invés de pertencer a Deus. O mesmo é certo com respeito à hibridização: todos os híbridos são estéreis, porém continua a esperança de que algum dia uma jumenta chegue a ser fértil.

Desta forma, as linhas que Deus criou entre as várias formas de vida e a matéria inorgânica são vistas como enigmas por parte da ciência humanista, porque este caráter fixo nega a potencialidade

infinita da natureza. Porém, isto não é tudo. O tempo é um problema para o humanista porque a eternidade é um atributo de caráter último, e é também um inimigo. Eis porque a hostilidade com o relógio.²

Já que para a ciência humanista toda potencialidade pertence à natureza, é fácil para os cientistas imporem suas crenças de possibilidade infinita em suas pesquisas. O resultado é uma tendência massiva para a fraude científica na experimentação. Isto não é novo, como o demonstram os quadros de desenvolvimento do embrião humano feitos por Haeckel no século passado. A revista *Science Digest* (junho de 1977) chamou a atenção para a elevada porcentagem de fraudes nos experimentos científicos divulgados. Aparentemente, a atitude de tais investigadores é: “se não é verdade agora, logo o será”.

Um dos maiores problemas em todo ensino, e não menos no ensino de ciência, é o predomínio de uma orientação acadêmica. Por exemplo, ensina-se Biologia, Química e Física isoladas umas das outras, como se existisse um mundo diferente para cada uma delas. Isto significa que prevalece uma visão abstrata e acadêmica da ciência, sendo a ciência teórica a predominante. Se em vez disto ensinamos a história da pesquisa científica, o desenvolvimento e a invenção, e o papel das várias áreas naquela história do desenvolvimento e aplicação, obteremos um conhecimento mais preciso do lugar da ciência e seu significado. A partir de tal enfoque, obteremos uma visão mais realista das ciências e de como o homem tratou de entender a si mesmo e ao mundo por meio da ciência, de exercer domínio através desse conhecimento e por meio dos instrumentos que produziu.

O currículo humanista exalta as disciplinas e seu estudo como se fossem fins em si mesmos. A arte pela arte encontra seu paralelo na ciência pela ciência. A ciência por causa do homem não é melhor, a menos que vejamos o homem teologicamente e vejamos a ciência como uma ferramenta em seu chamado para exercer domínio.

Tradução: Márcio Santana Sobrinho

Fonte: *The Philosophy of the Christian Curriculum*, p. 71-74.

² Ver R. J. Rushdoony: *The Mythology of Science*, p. 76s. Nutley, New Jersey: The Craig Press, (1967) 1976.